

O Mistério de Nápoles e o parasitismo social em Bomfim e Gramsci

Roberto Vecchi¹

Abstract: The comparison between two very different intellectuals such as Bomfim and Gramsci occurs mainly by historical and ideological, rather than conceptual drivers. One can detect evident common links between the works of the two thinkers from a theoretical perspective, such as the topic of social parasitism. Bomfim, particularly in *América Latina: Males de origem* (1905), adopts the category of parasitism as a powerful analytical tool that structures the skeleton of his seminal work on the interpretation of Brazil's formation, even if he keeps it within the limits of the organicism characteristic of his time. On the other hand, in the *Quaderni del carcere*, Gramsci dialectically conceptualizes the topic of parasitism, in order to set up a no less effective critical device, combining parasitism and Americanism and providing the means to interpret the famous "mystery of Naples", e.g., the darkest and relational side of the violent process of exclusionary modernization.

Keyword: Bomfim; Gramsci; Parasitism; Exclusionary modernization; Periphery and South.

Resumo: Uma aproximação entre Bomfim e Gramsci ocorre sobretudo pelo viés histórico e ideológico e não conceitual. Pelo contrário, entre as obras dos dois pensadores, existem alguns elos comuns do ponto de vista da perspectiva teórica, como por exemplo o tema do parasitismo social. Se Manuel Bomfim, em particular em *América latina males de origem* (1905), adota a categoria como poderosa ferramenta analítica que estrutura o esqueleto da sua obra seminal de interpretação da formação do Brasil, ainda que mantendo-a dentro dos limites do pensamento organicista do tempo, Gramsci, nos *Quaderni del carcere*, a conceitualiza dialeticamente para construir um não menos eficaz dispositivo crítico que, conjugando parasitismo e americanismo, proporciona os meios para interpretar criticamente o famoso "mistério de Nápoles", ou seja, o lado mais sombrio e relacional do processo impetuoso da modernização excludente.

Palavras chave: Bomfim; Gramsci; Parasitismo; Modernização excludente; Periferia e Sul.

Gramsci é um autor que solicita encontros com outros pensadores. Inclusive encontros impossíveis. Refiro-me, por exemplo, ao recente volume de Franco Lo Piparo (*Il professor Gramsci e Wittgenstein*) que formula a hipótese de uma influência indireta, mas profunda, do filósofo italiano, sobretudo em relação às ideias sobre a linguagem como fator essencial para a construção da sociedade e da hegemonia política. Talvez isso possa ser atribuído a

1 Professor Titular de Estudos Portugueses e Brasileiros e de História da Cultura Portuguesa - Universidade de Bolonha.

uma característica do pensamento gramsciano que Giorgio Baratta evidenciou: sua natureza dialético-dialógica que alimenta sua extraordinária – para um pensador marxista – atualidade (BARATTA, 2003, p. 221).

De outro encontro virtual, e que se pode articular só no plano de conceitos, se detêm estas notas. Trata-se de autores que certamente não se encontraram e certamente não se leram. Ao mesmo tempo, apesar das distâncias irredutíveis e evidentes, seu pensamento apresenta conexões teóricas comuns que justificam uma abordagem combinada. Se entre Manuel Bomfim e Antonio Gramsci não ocorreu nem indiretamente qualquer diálogo, ao mesmo tempo é assente que existem elementos comuns entre os dois: um radicalismo de pensamento (CANDIDO, 1995, p. 276) ou, melhor, uma heterodoxia que define a construção de um percurso crítico singular sobre preocupações “políticas” compartilhadas. É este traço que justifica uma discussão conjunta e, em particular, a possibilidade de pensar em conexões autônomas mas ao mesmo tempo correlatas de pensamento crítico entre intérpretes do Brasil e da Europa.

O centro das preocupações comuns dos dois autores é o parasitismo social como dispositivo tradicional que bloqueia a modernização do Brasil e da Itália.

A obra certamente capital de Bomfim (seu “maciço central”, CANDIDO, 1995, p. 277), onde o parasitismo é assumido como objeto crítico predominante, é a célebre *A América Latina: males de origem*, de 1905, cuja seminalidade, sobretudo na definição do conceito de formação, assim como ocorre na década de 30 (pense-se sobretudo em *Raízes do Brasil*), é sempre com força assinalada. Como se lembra, o ensaio esteve no centro de uma das grandes polêmicas intelectuais do começo do século: Silvio Romero em 1906, numa série de 25 artigos que depois reuniu em livro (VENTURA, 1991, p. 156) – livro que, de acordo com Roberto Ventura, atesta o caráter reflexivo das polêmicas culturais da época (o efeito de espelhamento entre os dois antagonistas, VENTURA, 1991, p. 146) –, contesta o abandono por parte de Bomfim do método e das concepções evolucionistas dominantes. A opção interpretativa essencial de Bomfim decorre da consciência de um limite: a não coincidência plena entre as sociedades e os organismos biológicos, o que torna não tanto inadequado o conceito, mas:

a estreiteza de vistas com que o aplicam à crítica dos fatos sociais, mais complexos, sem dúvida, que os fatos biológicos, pois dependem das leis biológicas, e ainda das leis sociais, peculiares a eles (VENTURA, 1991, p. 157).

De certo modo emerge já aqui o traço problemático da crítica bonfiniana: estar ao mesmo tempo fora e dentro do discurso organicista. Como anota sempre Roberto Ventura num texto em inglês a propósito do uso da metáfora do parasitismo,

his historic-social stance is thus profoundly ambiguous because of its simultaneous criticism and use of a biological and organological approach as a starting point from which an historical theory of the appropriation of the value of work is proposed (VENTURA, 2000, p. 322).

Mais que uma contradição, a metaforização do parasitismo como chave de interpretação da formação da América latina é claramente definido por parte do seu autor: ainda que em diálogo com as categorias conceituais do seu tempo, Bomfim as força para criar uma ferramenta interpretativa que as mine por dentro, que as dissolva nas suas contradições mais evidentes.

De fato a contradição é essencialmente aparente: a partir da segunda parte (“Parasitismo e degeneração”), Bomfim define com precisão o espaço semântico do uso alegórico do termo organicista, ou melhor, mostra o elo figural que permite aos seus contemporâneos,

em particular ao próprio Silvío Romero, integrar as teorias racistas e evolucionistas à Escola de Ciência Social, abrindo uma das matrizes convencionais – a organológica, carregada também de motivos racistas – do pensamento autoritário e de futuras ideologias de Estado (VENTURA, 1991, p. 158-159).

Pelo contrário, o parasitismo detectado por Bomfim – extrapolado de textos de leitura médica como o dos belgas Émile Vandervelde e Jean Massart, *Parasitisme biologique et parasitisme Social*, de 1898 (VENTURA, 2000, p. 314) – como metáfora se desnaturaliza e se enxerta muito mais como uma figura histórica. Tal gesto crítico é evidenciado em vários passos do texto, por exemplo:

Como organismos vivos, as sociedades dependem não só do meio, não só das condições de lugar, mas também das condições de tempo. Quer dizer: para estudar convenientemente um grupo social – uma nacionalidade no seu estado atual, e compreender os motivos pelos quais ela se apresenta nestas ou naquelas condições, temos de analisar não só o meio em que ela se acha, como os seus antecedentes. Uma nacionalidade é o produto de uma evolução; o seu estado presente é forçosamente a resultante de ação do seu passado, combinada à ação do meio. É mister estudá-la no tempo e no espaço. (BOMFIM, 1993, p. 18)

A reformulação da metáfora muda de modo sensível a tensão alegórica que atravessa todo o ensaio. Deixa de valer pela sua função de mediação entre o evolucionismo organicista da cultura dominante e a inauguração de um novo espaço crítico e reforça-se muito mais pelo seu aspecto relacional: o manto figural do parasitismo da forma (torna visível) efetivamente uma relação de poder, pauta o jogo de força entre polaridades distintas que, no essencial, pensando no esforço global de apreensão geopolítica do ensaio, determina a relação intersubjetiva (podemos dizer antes de tudo cultural, mas não só) de um norte (a Europa e por conseguinte, a América do Norte) com um “sul” conceitual – as nacionalidades sul-americanas e sua condição de “atraso” – que é o produto de uma acumulação histórica de parasitismos – uma prefiguração da categoria da “colonialidade” dir-se-ia – cujas origens devem ser procuradas justamente no outro “sul”, o sul Europa que as projetou, através do colonialismo, por fora:

Vivendo parasitariamente, uma sociedade passa a viver às custas de iniquidades e extorsões; em vez de apurar os sentimentos de moralidade, que apertam os laços de sociabilidade, ela passa a praticar uma cultura intensiva dos sentimentos egoísticos e perversos. Os interesses coletivos, o perigo ou receio de ver escapar-se a presa podem levar os membros desses grupos parasitas a defender-se em comum, a proceder de forma a aparentar uma socialização adiantada; mas não há nisto verdadeiro progresso moral – qual consiste no horror da injustiça, independente de qualquer vantagem pessoal (BOMFIM, 1993, p. 26).

A crítica ao “conservantismo essencial, mais afetivo que intelectual” (BOMFIM, 1993, p. 116) abre para uma leitura histórico-antropológica da formação do poder colonial e periférico, cuja radicalidade surpreende em relação à tradição com que dialoga.

O parasitismo (das classes dominantes) é também o eixo de preocupação de Antonio Gramsci. Trata-se, no entanto, na época do seu uso (em finais da década de 20, portanto já no abismo do cárcere político) de uma figura já emendada de matriz organicista e conscientemente assumida como conceito sociológico-político.

A reflexão mais pertinente sobre o tópico surge num famoso Caderno dedicado ao “americanismo”, relativo às relações complexas entre a modernização e as modernidades, e baseia-se em uma interpretação predominantemente qualitativa dos processos de modernização.

Trata-se do caderno especial 22 de 1934, intitulado “Americanismo e fordismo” que reúne reflexões de várias épocas e que oferece um extraordinário ponto de partida para pensar o americanismo. Apesar da detenção, Gramsci elabora uma visão extremamente original – sobretudo se comparada com as limitações da análise de Lenin da fase imperialista do capitalismo e do seu apodrecimento inelutável, ou até mesmo com as posições da III Internacional sobre a sociedade e o desenvolvimento nos EUA (PINZANI, 1987, p. 67) – de acordo com a qual a industrialização na América do Norte possui uma enorme força transformadora que torna essa modernização a única que não conserva restos sociais e culturais dos modos de produção anteriores.

O que Gramsci desenvolve é uma visão do sistema americano-fordista que possuiria uma “racionalização” original e heterogênea, mas também coerente, de técnicas de produção (o taylorismo) e de controle social (por exemplo na vida cultural e de relação com o tema sutil das transformações dos modelos de comportamento sexual) tão específica que configura uma tipologia inédita da centralidade operária.

Na prisão, na perspectiva da “claustrosófia” (VECCHI, 2010), Gramsci reelabora a experiência das lutas operárias e da reorganização do trabalho nas grandes fábricas, nos tempos de *L’Ordine Nuovo* (1919-1920). Aliás, pode-se pensar que a dimensão industrial particulariza o polo importante do binômio operários e camponeses, decisivo na elaboração de algumas considerações sobre a “*quistione meridionale*”.

Ao mesmo tempo, o tema do americanismo se combina com uma outra questão chave do pensamento de Gramsci, tornando-se aliás a ocasião para desenvolver este tema que já está presente desde o primeiro Caderno: o sul, na sua estreita relação com o americanismo. Aqui a interrogação sobre o parasitismo das classes dominantes no sul se torna central.

O parasitismo das elites proprietárias de terras e das suas cortes em detrimento das classes produtivas surge já em 1929, no Caderno 1, na seção *Americanismo*, quando Gramsci escreve sobre o assim chamado *Mistero di Napoli*, ao retomar uma imagem de Goethe que se perguntava porque uma cidade industriosa e ativa como Nápoles não era porém produtiva e voltada para satisfazer as necessidades das classes produtivas. Destruindo o mito do *lazzaronismo* orgânico meridional, apontava para a presença da classe parasitária dos proprietários de terra e de suas cortes, que consumia a riqueza acumulada sem investí-la (GRAMSCI, 1991, I, p. 70-71). A relação que Gramsci enxerga no “Mistério” é a que permite interpretar relações de forças, não só entre a cidade meridional e o seu contexto, mas também estendendo a análise a outras cidades (Palermo, Roma etc.) mas sobretudo na definição da “questão meridional”, o projeto de envergadura (truncado e deixado incompleto), *Alcuni temi della questione meridionale* (publicado em 1930 mas que remonta a 1926, reelaborando aliás artigos escritos anteriormente).

Na leitura que deste texto fará Edward Said em *Culture and Imperialism* se define, na relação entre Nápoles e Turim, o norte e o sul, o que Said chama do “fator Gobbetti” (SAID, 1998, p. 75), ou seja, a possibilidade de estabelecer um eixo entre o proletariado do norte e os camponeses do sul, como faces de uma mesma “questão”.

A extrapolação do “fator Gobbetti” permitirá sempre a Said considerar que há uma articulação comum entre o desenvolvimento da literatura comparada e a afirmação da geografia imperial, criando a possibilidade de reinterpretar o “arquivo” da cultura ocidental a partir da dimensão espacial de Gramsci com base na metáfora musical “contrapontística” do arquivo intersectando a história metropolitana com as histórias alternativas.

O sul assim configurado se aproxima muito de outra categoria crucial do pensamento de Gramsci. De fato, a elaboração do Caderno especial 22 (especial, porque transcreve

e reelabora anotações anteriores, da primeira fase e portanto representa um estado mais avançado dos Cadernos) é, do ponto de vista filológico, praticamente contemporânea da fase de preparação dos cadernos mistos 25 e 27 dedicados, o primeiro *Ai margini della storia (storia dei gruppi sociali subalterni)*, ao conceito chave do subalterno e o segundo *Osservazioni sul folclore* à complexidade das questões culturais como reflexo efetivo da vida do povo, que se coloca de certo modo em sequência com o tema da subalternidade. Giorgio Baratta, nesta linha, observa que desde seus primeiros palpites o tema do americanismo surge já em combinação com o tema das classes sociais subalternas que na perspectiva do filósofo representa uma categoria intersubjetiva, ou seja, marcada por uma relação e que se opõe ao termo “hegemônico” e “dominante” (BARATTA, 2003, p. 86-89). Ao mesmo tempo, o tema do americanismo se combina com uma outra questão chave do pensamento de Gramsci, tornando-se aliás a ocasião para desenvolver este tema que já está presente desde o primeiro Caderno: o sul, na sua estreita relação com o americanismo.

A crítica do parasitismo social, portanto, gera duas leituras, a de Bomfim e a de Gramsci, que mesmo não redutíveis a matrizes ou conceitualizações comuns, podem ser produtivamente pensadas de maneira combinada. Além da superfície das ferramentas analíticas próprias, emergem algumas linhas de força convergentes que justificam a aproximação. A primeira que apontaria é o pensamento alternativo, radical e heterodoxo, que surge do confronto com sistemas e tradições de pensamentos dominantes fechados, como no caso em Bomfim do sistema positivista-evolucionista-racista do Brasil ou, no caso de Gramsci, diferenciando-se de múltiplas tradições, contra o positivismo evolucionista também pela dialética, contra o historicismo de Benedetto Croce, inclusive distinguindo-se – radical e originalmente – da elaboração teórica da Terceira internacional. Quanto isso se deva à marginalidade – intelectual e carcerária – dos dois autores é outro elemento por considerar na conjugação dos dois mundos.

Um outro aspecto da combinação decorre do uso analítico do parasitismo para evidenciar distinções espaciais e territoriais que se misturam com as contradições (sociais, econômicas, de classe etc). Neste sentido os dois pensamentos apontam para valorizar o aspecto relacional que estrutura o funcionamento do poder. Esse modelo geográfico (Said) que se diferencia de outros modelos baseados na temporalidade (Lukács) permite delinear a topografia particular do “sul” (produzida e posta em relação pelo norte), seja no caso do Meridione italiano ou da América justamente latina. O sul como uma intensidade intersubjetiva de poderes (norte-sul) que o modelo espacial deixa concretamente emergir. O mistério de Nápoles em suma é também o mistério da América Latina, mistério que deve ser posto entre aspas porque o reconhecimento político do parasitismo e sua desmontagem permitem radicalmente pensá-lo e criticá-lo.

Poderia se estender a leitura por analogias de Bomfim e Gramsci a outros conceitos inovadores no pensamento gramsciano como, por exemplo, sobre a construção, tanto na Itália como no Brasil, de uma “hegemonia” que decorre de uma rearticulação interna que elege como centro a questão cultural (ou educacional). Mas isso levaria para outros campos que merecem um espaço crítico adequado e não contingente.

Referências

BARATTA, Giorgio. *Le rose e i quaderni*. Il pensiero dialogico di Antonio Gramsci. Roma: Carocci, 2003.

- BOMFIM, Manuel. *A América Latina*. Males de origem (o parasitismo social e evolução). Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Radicalismos. In: *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. p. 265-291.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*, edizione critica a cura di Valentino Gerratana. Roma: Editori Riuniti, 1991.
- LO PIPARO, Franco *Il professor Gramsci e Wittgenstein*. Il linguaggio e il potere. Roma: Donzelli, 2014.
- PINZANI Carlo. Americanismo e fordismo. In AA.VV. *Gramsci Le sue idee nel nostro tempo*. Roma: L'Unità, 1987.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Letteratura e consenso nel progetto coloniale dell'Occidente. Roma: Gamberetti, 1998.
- VECCHI, Roberto. Alegorias claustrosóficas: o pensamento confinado, a exceção e a história literária. In: *Rassegna Iberistica*, Veneza, n. 91, 2010, p. 43-52.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. História e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VENTURA, Roberto. Manuel Bomfim: The State and Elites Seen as Parasites of the People-Nation. In: *Portuguese Literary & Cultural Studies*, Dartmouth, n.4-5, 2000, p. 313-323.